

Sessão II
Configurações lexicais da
língua portuguesa

Os caminhos da variação léxico-semântica no Brasil, em Portugal e em Moçambique

Alexandre António Timbane¹
Ivonete da Silva Santos²

Maria José Alves³

“Não há uma língua portuguesa, há línguas em português...”
(José Saramago)

Resumo: O léxico é a face mais evidente da língua e varia ou muda sob influência de variáveis sociais. A pesquisa discute a variação léxico-semântica na lusofonia – com especial atenção para o Brasil, Portugal e Moçambique – buscando, através da análise de *corpora* escritos, explicar as complexidades da língua como entidade coletiva, além de demonstrar como a variação léxico-semântica participa na mudança. Analisando os neologismos nos Jornais “Verdade” (Moçambique), “O Liberal” (Brasil) e “Destak” (Portugal) baseando-se no Houaiss (2009), como *corpus* de exclusão, observaram-se diferenças lexicais nos três países lusófonos. Concluiu-se que cada palavra ganha significado dentro da cultura; há necessidade de elaboração de dicionários para cada variedade do português, pois nenhum dicionário atende plenamente aos consulentes da lusofonia. Toda a variação/mudança é incentivada/motivada pela cultura, pela tradição, pelo desenvolvimento econômico, tecnológico e político que se apresenta em cada lugar geográfico. A imprensa escrita lusófona consolida a criatividade lexical.

Palavras-chave: Variação. Léxico. Semântica. Lusofonia.

- 1 Universidade Federal de Goiás – UFG. Regional Catalão, Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem. Contato: alextimbana@gmail.com.
- 2 Universidade Federal de Goiás – UFG. Regional Catalão, Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem. Contato: nete.silva.santos@hotmail.com.
- 3 Universidade Federal de Goiás – UFG. Regional Catalão, Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem. Contato: maria.alves@ifto.edu.br.

Iniciamos o artigo citando, em epígrafe, uma afirmação do escritor português José Saramago (1922-2010), extraída do filme “Língua: vidas em português”, de Vitor Lopes. A afirmação resume a essência dos debates que serão desenvolvidos neste artigo, se comungarmos a ideia de que a língua é um fato social, uma realidade que se materializa na fala e que serve para comunicação exclusiva dos seres humanos. A Língua Portuguesa (LP), no espaço lusófono, varia sobretudo em nível fonético, de léxico e do significado de palavras e de sentenças.

Compreende-se que não existe uma única LP, se entendermos a língua como uma entidade abstrata, fenômeno pertencente ao social e que varia segundo variáveis linguísticas e sociais. Para Saramago, a linguagem passou do sistema rudimentar e gradualmente se tornou mais complexa, sendo capaz de exprimir sentimentos e sonhos, o que significa que quanto mais palavras conhecemos, mais somos capazes de dizer o que pensamos e o que sentimos. Aliás, a LP que falamos é resultado de variações e de mudanças linguísticas ao longo do tempo.

O português é uma das línguas mais faladas do mundo, mas é no Brasil onde se encontra maior número de falantes como língua materna. Nas últimas décadas, os países africanos de expressão portuguesa têm registrado um número crescente de falantes de português como segunda língua, embora haja conflito com as línguas bantu (LB) principalmente nas áreas rurais. É importante referir que Portugal é o único país lusófono onde existe um *monolinguismo* conservado. Os restantes lusófonos têm uma diversidade linguística.

A variação e a mudança têm caminhos a percorrer ao longo da vida e da história linguística de um povo. Tanto a variação quanto a mudança desenvolvem-se de forma silenciosa e imperceptíveis no seio dos falantes da comunidade. Nem toda a variação resulta em mudança, mas toda mudança é resultado de uma variação. Discutir estes aspectos é interessante porque nenhuma língua viva escapa a este processo que consideramos normal e que ocorre em todas as línguas tanto de forma oral, escrita ou de sinais.

A maior motivação para a presente pesquisa se centra no fato de que na lusofonia se fala/escreve em português, mas de forma diferente. Será que somos capazes de entender as nuances léxico-semânticas em jornais dos outros lusófonos? A pesquisa é relevante porque desperta interesse em compreender as variedades do português como forma de dar mais incentivo e motivação para que todos os lusófonos tenham dicionários e gramáticas que descrevam as suas variedades. Quando nos comunicamos com alguém que utiliza uma variedade diferente da nossa, percebemos, à primeira vista, as diferenças, mas a mensagem chega em perfeitas condições.

Para a pesquisa, levantou-se uma questão que problematiza o tema em debate: no contexto lusófono, que impacto provoca a variação léxico-semântica no português atual? Levantam-se as seguintes hipóteses: as variações impe-

dem a compreensão na lusofonia; os jornais apresentam vocabulário difícil e o entendimento depende de explicação de um falante nativo dessa variedade; a variação semântica só pode ser explicada dentro do contexto sociocultural de cada variedade.

Como objetivo geral, o estudo visa a discutir a variação léxico-semântica na lusofonia com especial atenção para o Brasil, Portugal e Moçambique a partir da análise de *corpora* escritos. Especificamente, pretende explicar as complexidades da língua como entidade coletiva; demonstrar como a variação léxico-semântica participa na mudança; e discutir essa variação léxico-semântica do português a partir da análise de exemplos de três jornais lusófonos: o Jornal “Verdade” (Moçambique), “O Liberal” (Brasil), o “Destak” (Portugal).

O artigo se divide em quatro seções. Inicialmente, levantou-se uma discussão sobre a “nossa língua” focando as possibilidades que o português tem no espaço lusófono, o que significa que a variação se consolida cada vez mais e jamais os africanos, nem americanos falarão tal como os europeus falam. A seguir, o artigo define e discute a variação léxico-semântica, apresentando suas características. Depois cria-se uma ponte entre a influência sócio-histórica das variedades em Portugal, no Brasil e em Moçambique, na formação da “nossa língua”, culminando com a apresentação da metodologia e análise dos dados extraídos de três jornais lusófonos, identificando-se os neologismos e os significados existentes na imprensa escrita. O artigo termina apresentando as conclusões e as referências bibliográficas utilizadas.

1 A “nossa língua”: um mundo de possibilidades

Iniciamos esta seção afirmando que na lusofonia se fala português e não interessa como cada membro da comunidade linguística pronuncia as palavras, como faz as escolhas lexicais nem como elabora ou produz o discurso, pois existem traços comuns que nos unem e garantem a comunicabilidade. O importante é que nos entendemos parcial ou completamente na forma escrita e oral e respondemos às necessidades comunicativas reais. Temos várias normas-padrão e léxicos diferentes que são resultantes de cultura e de tradições diversas.

Toda variação e mudança são incentivadas pela cultura, pela tradição, pelo desenvolvimento econômico e político que se apresenta em cada lugar geográfico. A língua, segundo Kramsch (2014), é um sistema de signos que tem dentro de si um valor cultural. Os falantes identificam-se através da língua, do seu uso e, assim, eles veem a língua como um símbolo da sua identidade social. A proibição da sua utilização é, muitas vezes, percebida pelos falantes como uma rejeição de seu grupo social e da sua cultura (KRAMSCH, 2014). A língua está ligada à cultura, e a cultura é muitas vezes expressa pela língua.

Linguisticamente falando, na lusofonia compartilhamos o mesmo sistema linguístico, mas existem várias normas que criam embaraço entre os lusófonos. Sendo o sistema uno, sólido e resistente às mudanças, constitui um núcleo central que permite com que possamos nos entender, apesar das variedades e variantes. A fala é individual e representa uma das formas que o sistema permite ou admite no seu núcleo central. A fala nunca será igual e uniforme porque ela depende das experiências individuais de cada membro da comunidade linguística.

A “nossa língua” (a LP) é composta por um conjunto de possibilidades em todos os níveis (fonético-fonológico, semântico, lexical, morfológico, sintático e pragmático) que se ligam e se cruzam no momento da comunicação. Em nível lexical, Timbane (2013a,b) cita as diferenças dos termos de futebol no português do Brasil e Moçambique. Observa-se, por exemplo, que, no português do Brasil, as palavras ‘escanteio’, ‘gandula’, ‘tira meta’, ‘rodada’ e ‘cavadinha’, correspondem a ‘canto’, ‘apanha-bolas, ponta-pé de baliza’, ‘mão’ e ‘chapéu’, no português de Moçambique. Para Timbane (2013a, p.162), a LP falada/escrita hoje é resultado de “constantes modificações ao longo de vários séculos, fato que confirma a tese de que as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação de significados.”

Vários estudos mostram claramente que as variedades do português faladas no Brasil e em Moçambique não correspondem mais ao português europeu, norma-padrão que a escola se obrigou a seguir ao longo dos anos da colonização. Por isso que é “cada vez mais difícil manter como norma aquela recomendada pelos gramáticos” (PAGOTTO, 2005, p.33). O que ocorreu no português do Brasil, segundo Pagotto, “foi apenas o lento, gradual e inexorável processo de mudança linguística que afeta qualquer língua” (p.32). Nesse caso, as características do português do Brasil seriam fruto do jogo interno da estrutura. As variedades possuem raízes originais, próprias dos contextos sociais e culturais locais e que devem ser respeitadas e acolhidas pela comunidade lusófona, se entendermos a língua como entidade que muda e varia com o passar do tempo (FARACO, 2005).

A LP não tem cor (POSSENTI, 2002), não tem pertença (TIMBANE, 2013a) e a relação linguística no espaço lusófono é estritamente genética (NARO; SCHERRE, 2007). O que significa que o português é “nosso”, perdeu a nacionalidade portuguesa, perdeu a pertença étnica e sobretudo geográfica. O português é uma língua que se espalha pelo mundo respondendo às necessidades e aos interesses dos usuários. Em contextos multilíngues, como é o caso de Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, o português se expande em consequência da política e do planejamento linguístico.

Hoje, os intercâmbios econômicos, políticos, sociais e culturais circulam no espaço lusófono graças ao idioma português, trazendo, assim, vantagens, sobretudo ao nível da circulação tecnológica e literária. Desta forma, o português per-

tence aos falantes de cada variedade, e ela serve para satisfazer as necessidades comunicativas pontuais. Sem esse recurso, seria impossível exprimir ideias e realidades próprias desses lugares. Para terminar esta parte, retomamos a ideia de Saramago discutida na introdução, reforçando que existe uma única LP que é expressa de diferentes formas. Para se chegar a esta conclusão, deve-se eliminar o preconceito linguístico, o que significa que não existem falantes bons e maus, ou que falam bem e mal, apenas comunicamos de forma diferente sem sairmos do grande “guarda-chuva”: o português.

2 O que é variação léxico-semântica: suas características

Entende-se por léxico o conjunto de palavras existentes numa determinada língua, isto é, o acervo geral utilizado pelos falantes para construir o discurso. O léxico de uma língua, segundo Biderman (2006), constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Esse registro fica armazenado no sistema e não no dicionário. O dicionário não é exaustivo e não consegue reunir todas as palavras de uma língua. Nem o falante conhece o acervo geral lexical das palavras da sua língua. Se os falantes conhecessem, o valor de um dicionário se reduziria a zero. É por isso que necessitamos dos dicionários. Eles nos mantêm informados de palavras desconhecidas. Mas, por vezes, consulta-se, também, uma palavra no dicionário e não se acha. Assim, podemos afirmar que o verdadeiro guardião do léxico de uma língua é o sistema, que é uma entidade virtual e abstrata, onde cada falante busca as palavras que pretende usar numa sentença ou num discurso.

Ao dar nomes às entidades perceptíveis ou não, o homem as classifica atribuindo, ao mesmo tempo, os sentidos socioculturais. “Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo” (BIDERMAN, 2006, p.35). É importante referir que o léxico sempre está intimamente ligado ao aspecto semântico, pois só compreendemos o sentido de uma palavra quando o associamos ao significado. Todo o sentido está ligado à cultura de um povo, de uma comunidade linguística.

O cerne do sucesso da comunicação entre membros de uma comunidade integra basicamente a existência de uma língua materna. Isso quer dizer que o entendimento entre as partes ativas do/no meio social pressupõe um instrumento que sirva de linha transmissora dos ideais, pensamentos, sentimentos e entendimentos do ator social, capaz de revelá-los ao mundo de modo particularizado que denuncia um determinado grupo linguístico. Este elemento é a língua, veículo que se locomove de modo a se adequar às necessidades dos seus usuários.

Nesse sentido, faz-se necessário um conjunto de palavras ou de expressões que são/serão usadas pelos membros de uma determinada comunidade linguística, a fim de servir de tradutores do sentimento que nutrem por determinado objeto ou elementos que constituem o universo que os cerca. Ou seja, as palavras constituem o léxico de uma língua, podendo variar a depender das coordenadas emergenciais intrínsecas ao grupo linguístico.

A variação lexical está intimamente relacionada ao sentido atribuído aos elementos constituintes do mundo que rodeia cada membro de uma comunidade linguística. O processo de categorização do mundo e sobre o mundo é uma característica marcante que influencia fortemente a variação lexical, traduzindo-a em sentimento de pertença a um ou a outro grupo do qual faz parte o sujeito. Importa dizer que a variação lexical se dá dentro das possibilidades de usos permitidos pelo sistema linguístico vigente no interior da comunidade linguística.

Deste modo, o léxico em sua variação constitui-se semanticamente dentro de um contexto diversificado, denunciador de uma outra “maneira de entender, conceber, talvez mesmo de sentir o mundo” (PERINI, 2004, p. 42). Significa que, as palavras, como parte do repertório que motiva a comunicação social, adquirem uma função extra e importantíssima no seio de um grupo linguístico, vez que essa função transcende a relação entre objeto/nome.

A escolha da palavra está associada não apenas à relação objeto/nome, mas principalmente ao ato de alimentar o concreto, que é representado simbolicamente pela memória cultural da comunidade linguística. Portanto, “cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender a realidade” (PERINI, 2004, p. 52). Dentro do sistema linguístico existe um conjunto lexical capaz de categorizar os objetos sob o ponto de vista sentimental, atribuído a eles pelos usuários nativos do sistema linguístico naturalmente atuante na comunidade da qual fazem parte. Sendo assim, as palavras obedecem a um ritmo específico, sob o rigor do conhecimento que tem o ator social acerca do universo. É dessa forma que o processo de variação léxico-semântica se torna necessário para a diversificação dos povos que constituem o universo como um todo, traduzindo-se numa releitura diversificada que cada sujeito faz desse universo.

Há diferentes maneiras no uso das palavras de uma língua ou variedade e nessa utilização há inúmeros outros significados e, assim, a dimensão alcançada pela variação léxico-semântica atinge proporções inimagináveis. Se considerarmos o contexto sociocultural dos falantes, pode-se observar que isso resulta do contato com povos, das histórias e de culturas que influenciam toda uma transformação, adquirindo nuances específicas para cada contexto. Assim, a palavra “camisola”, definida no Brasil como “roupa feminina para dormir” (HOUAISS; VILLAR; MELLO FRANCO, 2009, p.378), em Portugal se define como sendo “espécie de camisa curta de malha de lã ou de algodão, com mangas ou sem

elas, que se veste ordinariamente sobre a pele ou cobre outra peça de vestuário” (DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2008, p.285).

Sendo o léxico a parte mais visível da língua, varia segundo o espaço geográfico. O que no Brasil chamam de “café da manhã” ou “quebra-jejum”, em Portugal é “pequeno almoço”, e em Angola e Moçambique é “matabicho”. Cada uma dessas palavras está carregada de uma base sócio-histórica. Existe um conjunto lexical mais geral, aquele que pertence ao sistema. Esse léxico é compartilhado por todos e é, sem dúvida, aquele que permite a intercompreensão entre brasileiros e o resto da lusofonia. Por outro lado, existe um léxico específico que é característico de um lugar geográfico e que não pode ser compreendido pelos outros membros da comunidade lusófona. Por exemplo, as palavras *jaburu*, *tuiuiuú*, *reidos tuinins*, *tuiú-quarteleiro*, *jabiru*, *tuim-de-papo-vermelho*, *tuiupara*, *cauauá* são denominações de uma única ave, conhecida cientificamente como *jabiru myceteria*. As variações nominais, nesse caso, contemplam as diferentes formas como é conhecida a ave em diferentes regiões do Brasil, não sendo reconhecidas assim pelos demais falantes da lusofonia, permitindo, com esse exemplo, afirmar que o processo léxico-semântico ocorre em simultâneo no seio da comunidade e associa-se sempre aos valores que a cultura oferece. “É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais” (BIDERMAN, 2006, p.35), desse modo, a significação do mundo e das coisas que o compõe se torna coerente com a cultura, o meio e o espaço onde atua o sujeito.

3 A influência sócio-histórica das variedades linguísticas na lusofonia

3.1 Em Portugal

O surgimento das variações no latim provou e prova, ainda, que nenhuma língua é um bloco compacto, homogêneo, pronto e acabado. A língua não para, está sempre se transformando (BAGNO, 2012; 2014). Este argumento justifica o percurso variacional que se deu ao longo dos séculos até a definição da LP na Península Ibérica, já que o latim evoluiu de tal maneira que deu margem a várias línguas românicas, sendo o português um resquício dessa língua.

Foi justamente o contato entre o latim e as línguas autóctones que deu origem ao nascimento do português a partir do século VI e, posteriormente, ganhou *status* de LP na Europa ocidental. Com a chegada dos árabes, romanos, muçulmanos na Península, ocorreram intensos contatos linguísticos que serviram de berço para a formação do português, bem como a instalação das culturas que representaram a identidade de cada povo. A LP, segundo Guimarães (2005, p.24)

“formou-se como língua específica, na Europa, pela diferenciação que o latim sofreu na Península Ibérica durante o processo de contatos entre povos e línguas que se deram a partir da chegada dos romanos no século II a.C.”

O contato entre línguas e culturas diferentes no espaço Ibérico proporcionou a mudança linguística que gradualmente evoluiu até a consolidação do português. Esta evolução não se deu de modo rápido e definitivo. Foi sendo adequada ao contexto social disponível no território de recepção, a fim de atender às necessidades emergentes dos sujeitos que coabitavam um mesmo espaço em que a necessidade de comunicação se tornou necessária para o curso normal da sociedade em si.

As variações e as mudanças linguísticas são resultado de um processo histórico e social comum aos membros participantes de uma comunidade linguística, e são experimentadas e interpretadas em nível individual e coletivo, para depois serem organizadas na memória social coletiva de maneira autêntica. Tudo isso torna o processo de troca linguística ritmicamente lento ou rápido, a depender da intensidade do contato linguístico.

A mudança linguística é um processo sociocultural e sociocognitivo, ou seja, “um processo que tem origem na interação entre a dinâmica social da comunidade de fala e o processamento da língua no cérebro por parte de dois indivíduos em interação sociocomunicativa” (BAGNO, 2014, p. 92). O resultado é a combinação das culturas e das línguas em situação de contato, que, propositalmente, configuram um percurso altamente complexo que se modifica, sorrateiramente, a fim de atender às necessidades específicas da comunicação de cada comunidade linguística.

O português de Portugal não se constituiu por si só, mas contou com a contribuição de vários aspectos linguísticos das línguas de povos que se instalaram na Península e que, de algum modo, fixaram expressões ou palavras que determinaram a elaboração de vocábulos usados na comunicação. Por isso, o passado, em consonância com o presente, continua a determinar o surgimento de combinações que muito representam o vocabulário dos portugueses que combinados, hoje, com empréstimos feitos de outras línguas resultaram no aumento do acervo lexical que adquiriu também uma face modernamente elaborada.

Diante da importância dos fatos históricos e sociais gravados na memória social é pertinente a existência de variações linguísticas em todos os níveis durante o processo de evolução de uma língua. O que significa dizer que o latim evoluiu de tal forma que resultou na formação da LP que, por sua vez, se expandiu formando esta grande lusofonia. Nesse sentido, é natural que as transformações dentro de uma língua sejam atribuídas às influências externas de aspectos linguísticos e culturais de outras, através do contato e da imposição política em consonância com as coordenadas internas, motivadas pela cultura e pela língua já existente no ambiente de contato. Desse modo, a língua representa sempre

a história sociopolítica de um povo atravessada por gerações, sendo as bases linguísticas que sustentam as possibilidades de uso do sistema, tão importantes para o sucesso comunicacional.

3.2 No Brasil

O português chegou ao Brasil com a colonização. As populações indígenas, povos nativos das Américas, falavam as diversas línguas da família tupi-guarani. Segundo Orlandi (2005), a história linguística brasileira se divide em quatro fases: Na primeira (1532-1654), ocorre o contato entre línguas dos índios e portugueses, fazendo surgir uma língua franca, a língua geral, que foi utilizada por muito tempo. O segundo período (1654-1808) é marcado pela intervenção portuguesa que, através do Marquês de Pombal, ministro de Dom José I, proibiu o uso da língua geral na colônia e obrigou o uso do português, dando-lhe o estatuto de oficialidade.

A terceira fase (1808-1826) teve início com a chegada da realeza portuguesa. Neste período, o Rei Dom João VI fundou a Biblioteca Nacional, criou a imprensa brasileira e outras obras que legitimam a língua. Na quarta fase (1826), surgem leis para que os professores ensinem e escrevam de acordo com a gramática da língua nacional. Mas, graças a “gramáticos e lexicógrafos brasileiros do final do século XIX, junto com nossos escritores” (GUIMARÃES, 2005, p.25), colocaram-se em debate conceitos como língua nacional, língua do Brasil, língua da nação, que foram amplamente discutidos, concluindo, em definitivo, que o PE é diferente do português brasileiro, porque a variedade brasileira é resultado da mistura e da integração das línguas da família tupi-guarani, línguas africanas e outras línguas europeias, que compartilhavam o mesmo espaço geográfico.

Não se tem registros precisos da entrada dos primeiros escravos africanos no território brasileiro, mas a necessidade de mão-de-obra para as lavouras fez com que, ainda no século XVI, fosse oficialmente autorizado o tráfico negreiro para o Brasil por um alvará de D. João III, datado de 29 de março de 1549. Esse aspecto, somado ao contexto da língua geral, influenciou a integração do léxico das línguas africanas.

Com todo esse histórico, o português, língua imposta passou a funcionar em novas condições e se modificou com o passar do tempo, ganhando características não encontráveis e bem diferentes do português de Portugal (GUIMARÃES, 2005). Orlandi (2005, p. 29) afirma que “desde o princípio da colonização, instala-se um acontecimento linguístico de grande importância no Brasil: o que constitui a língua brasileira.” Compreendendo a ideia de que as diferenças no nosso léxico, ou seja, a incorporação de novas palavras, mudanças de sentido ocorreram a partir das línguas indígenas e africanas, com as quais o português esteve e está

em relação, poderemos observar outros léxicos e assim constatar essas diferenças, principalmente dentro do Brasil que apresenta variantes em cada região, podendo servir de exemplo para esclarecer as causas desse fenômeno.

As influências sócio-históricas no Brasil participaram na formação do português brasileiro que é de certa forma diferente da variedade europeia em todos os níveis. Debates acirrados ainda ocorrem para definir qual é a variedade mais correta. Estudos sociolinguísticos revelam que não existe uma variedade melhor. Cada variedade vai respondendo às exigências comunicativas e socioculturais dos seus falantes.

Retomando Saramago, pode-se afirmar que o português brasileiro é uma língua em português, uma vez que segue as normas do sistema português, criando, assim, várias possibilidades aceitas no sistema. Compreendendo a ideia de que as diferenças no nosso léxico, ou seja, a incorporação de novas palavras, mudanças de sentido ocorreram a partir das línguas indígenas e africanas, com as quais o português esteve e está em constante relação, poderemos observar outros léxicos e assim constatar essas diferenças, inclusive dentro desse imenso Brasil, que em cada região apresenta variantes, podendo servir de exemplo para esclarecer as causas desse fenômeno.

3.3 Em Moçambique

Moçambique é um país multilíngue, com vinte línguas do grupo bantu, cujos falantes de português como língua materna aumentaram de 1,2% em 1980 para 10,7% em 2007 (TIMBANE, 2014). O português é de origem europeia e é a única língua oficial do país, segundo a constituição, desde 1975. É considerada a língua de prestígio e é através dela que se processam o ensino e a burocracia. A maioria da população é analfabeta e fala português como segunda língua. Essas características impulsionam a formação de uma variedade, pois jamais os moçambicanos poderiam falar tal como se fala em Portugal.

A formação do Português de Moçambique (PM) se justifica pela influência de LB moçambicanas, pela existência forte de traços culturais próprios da comunidade que se distancia dos outros povos. Observa-se a entrada de palavras vindas das LB, do árabe e do inglês, construções sintáticas e morfológicas decalcadas das línguas locais e recebimento de significados novos anteriormente existentes em Portugal, produzindo o que designamos por PM. Consideramos que o PM evidencia a afirmação de uma norma própria, na maneira original como se adota o vocabulário bantu ao sistema português, divergindo da norma europeia no modo como simplifica a morfologia flexional do português, como adota a ordenação dos elementos frásicos na sequência discursiva e, sobretudo, na forma como o léxico se adapta à realidade africana (VILELA, 1995).

Respondendo à pergunta “Que português se fala em Moçambique?”, Timbane (2014) alerta que

Em nenhum outro país da CPLP se diz *txopela* para motocicleta, *txova* para carinho de mão, *dumba-nengue* para mercado informal, *molwene* para menino sem teto e desamparado, *lobolar* para se referir ao ato de entregar dote, etc. São unidades lexicais que ocorrem em contexto sociolinguístico moçambicano. Muitos dessas novas entradas lexicais são necessárias, o que significa que não existe seu equivalente em PE. (TIMBANE, 2014, p.18).

Para Ngunga (2012), as interferências das LB no português são mais visíveis em nível fonético-fonológico, semântico e sintático. Há falantes moçambicanos que fazem transposições gramaticais das LB para português devido ao fraco conhecimento dessa língua. Isso é recorrente e confunde professores de português, uma vez integrados dentro do contexto sociolinguístico do aluno. Muitos erros não são identificados pelos professores porque estes fazem parte dessa variedade e não dominam a norma-padrão europeia recomendada pelas gramáticas que circulam nas escolas moçambicanas. (TIMBANE, 2013b). O afastamento do PM em relação à norma europeia resulta de um colapso da norma provocado pelos contextos sociais, e o afloramento da variação e mudança é consequência da formação de uma nova comunidade de fala na situação de contato do português com as diversas LB faladas pelos moçambicanos.

Os estudos sobre a variação linguística em Moçambique datam da década de 90. O país não possui nem dicionário nem gramática que descreva a variedade moçambicana. Além disso, existe preconceito implantado pelo sistema colonial que defende que a modalidade mais correta é a europeia. Os alunos ainda são punidos com reprovações pelo fraco domínio dessa norma. Nenhum livro escolar moçambicano dedica algum capítulo para a “variação linguística”, embora os textos de autores moçambicanos estejam cheios de *moçambicanismos* de todo tipo. Tal como veremos nas análises a seguir, cada local geográfico levará as marcas da sua identidade sociocultural e histórica, destacando, assim, a sua variedade.

4 Metodologia e análises

A pesquisa analisou três jornais de circulação *online* de três países: o Jornal “Verdade” (Moçambique), o Jornal “O Liberal” (Brasil) e o Jornal “Destak” (Portugal). A escolha desses jornais foi aleatória e objetivou demonstrar como a variação léxico-semântica participa na mudança. Analisamos primeiro o jornal “Destak”, seguidamente o jornal “O Liberal” e, finalmente, o jornal “Verdade”

para, depois, apontarmos as principais conclusões da pesquisa. Tomaram-se como base de análise as páginas de ‘notícias’, de ‘esporte’ e de ‘publicidade’, levantando os neologismos formais, por empréstimos e semânticos. Como *corpus* de exclusão, utilizamos o dicionário de Houaiss e Villar (2009), pelo fato de ser unanimidade entre linguistas brasileiros em termos de qualidade e abrangência nos *corpora* utilizados na produção do dicionário.

Analisando o jornal português “Destak” (edição 2751) observou-se que muitas palavras seriam neologismos no contexto do português brasileiro. Vejamos alguns exemplos extraídos do jornal: (1) “O Via Michelin, com mapas, [...] combustível e ‘portagens’.” p.2; (2) “...a pressão ‘desadequada’ compromete o comportamento do veículo.” p.2; (3) “As ruas ‘pedonais’ de Santa Cruz enchem-se todos os sábados...” p. 28; (4) “Queres pertencer à ‘equipa’ do Destak em Lisboa?” p.37.

As palavras destacadas acima não são empregadas no Brasil e elas representam uma realidade sociocultural portuguesa. Os estrangeirismos são frequentes nesse jornal em 12% das ocorrências e revelam a interferência do inglês e do francês no português europeu. Por exemplo:(5) “Depois de algumas *tournées* lá fora...” (p. 10); (6) “... tem um Pokémon Go *concierge* que indica aos hóspedes...” (p.30); (7) “...e uma ação de *photobooth*.”(p.14); (8) “...O maior *sunset* do Algarve acontece...” (p. 18).

Analisando o jornal brasileiro, “O Liberal” (edições 1198 e 1199), observou-se que o dicionário Houaiss responde plenamente à ansiedade do consulente, fato que não aconteceu com os neologismos encontrados nos outros jornais analisados, cujos significados não foram, para cá, trazidos. É normal que haja variantes, mas estas são toleradas no contexto brasileiro. Nesse periódico, os anglicismos são recorrentes nas páginas da publicidade. Existem vários anglicismos que no contexto moçambicano seriam neologismos, mas no Brasil já não são, uma vez que já estão integrados e dicionarizados. É o exemplo de DVD, CD, radar, aids entre outras siglas e acrônimos que se tornaram palavras. A edição 1198 cita SAMU, UPA (p.2), Radar (p.5), TV, ONG (p.4) entre muitas outras.

É de bom tom reconhecer que neologismos estão ligados às variedades. Por exemplo, dizer “gazetar” (matar a aula/faltar) é neologismo no Brasil, mas em Moçambique não. O sentimento neológico permite afirmar que a palavra “gaze-tar” está bem integrada ao português de Moçambique. O mesmo diria da palavra “aids” no Brasil. Ela pode ser considerada estrangeirismo em Moçambique, pois naquele país utiliza-se a palavra “sida” no lugar de “aids”. As palavras “chapalaria”, “borracharia” são neologismos em Portugal e em Moçambique. Então, estamos diante de palavras do português usadas em contextos de variedades diversas. Nas 12 páginas do jornal “O Liberal”, que foram analisadas, há formações lexicais novas, ao compararmos com o léxico de Portugal e de Moçambique, ou seja, essas palavras estão presentes no jornal brasileiro, mas não aparecem na fala moçambi-

cana ou portuguesa: ‘diskmarmita’, ‘diskdenúncia’, ‘diskgás’, ‘disktáxi’, ‘táxi-dog’. Observa-se que os escritores desse jornal procuram tornar o léxico mais acessível para a comunidade brasileira e sempre que possível explicam o significado de palavras e novas siglas e acrônimos que aparecem no jornal. Exemplos: ‘julifest’ (p.6), ‘lava-jato’ (p.2), ‘parada-segura’ (p.5), ‘achação’ (p.12), ‘obailé’ (p.8), ‘marmoradia’ (p.4), etc. Há palavras que ampliaram o seu significado, se compararmos ao significado descrito pelo dicionário utilizado para análise.

Analisando o jornal moçambicano, o “Verdade” (Edições 401 e 402) percebe-se que há ocorrência de léxico desconhecido no Brasil. Isso nos leva a concluir que a variação é recorrente e necessária para marcar as “línguas em português” (variedades). Vejamos alguns exemplos: ‘xiconhoca’ (p.1), ‘malogrado’ (p. 1) e ‘moçambola’ (p. 4), ‘comboios’ (p. 2). Essas palavras não foram de fácil compreensão para um leitor brasileiro, ao fazer a leitura desse jornal. O pior é que o Dicionário Houaiss de 2009, não dá conta da variedade moçambicana. As palavras ‘carro’, ‘comboio’ e ‘latrina’ possuem outros significados, no Brasil, diferentes dos empregados no jornal “Verdade”.

Um leitor brasileiro, ao ler um jornal moçambicano, certamente precisará de um dicionário para compreender o sentido das palavras. Ainda não existe dicionário do português de Moçambique. Por isso, reforçamos a necessidade de produção de dicionário que ilustre o acervo lexical desse país, incluindo o aspecto semântico. A LP está adequada aos vários ambientes aos quais se encontra inserida. Deste modo é perfeitamente compreensível que ao entrar em contato com elementos produzidos em outro espaço geográfico da lusofonia, diferente do brasileiro, tenhamos dificuldades para reconhecer ou interpretar determinadas palavras ali empregadas ou que são conhecidas, mas possuem significados diferentes das que conhecemos. Portanto, analisar o jornal moçambicano não foi tarefa fácil, mas apesar das dificuldades para interpretar algumas palavras o resultado foi gratificante, visto que nos permitiu um olhar diferenciado para as variações linguísticas que possuem a língua portuguesa em diferentes países.

Conclusões

Da pesquisa conclui-se que as variações e mudanças identificadas nos jornais revelam a identidade e a cultura dos povos em questão. Assim, mesmo não constatando grandes dificuldades na leitura de um jornal português impresso, as diferenças ‘saltam aos olhos’. Ao utilizar um dicionário para todos os jornais, constatou-se que o Houaiss (2009) só serviu para o jornal brasileiro “O Liberal”. O dicionário utilizado para as análises linguísticas não ajuda aos consulentes que leem o jornal moçambicano e português.

Todos os dicionários não são exaustivos. É normal que o leitor brasileiro, por exemplo, recorra ao dicionário, e ficar surpreso pelo fato de não encontrar a palavra ou o significado que deseja. Esse fenômeno ocorre porque nos corpora utilizados na elaboração desse dicionário essa palavra ou esse significado não foi identificado. O dicionarista elenca as palavras e significados encontrados nos seus corpora. O tipo de empréstimos linguísticos encontrados nos jornais de Moçambique e de Portugal é diferente nas formas de adaptação e integração. Enquanto no Brasil se adapta ‘escanear’, em Moçambique se adapta ‘scanear’.

Os dados da pesquisa mostraram que nos jornais do Brasil e de Portugal predominam os empréstimos vindos do inglês e do francês, enquanto que em Moçambique predominam empréstimos das LB. Esse fenômeno prova e sustenta o domínio das LB no contexto moçambicano. Não basta dizer que uma dada palavra é neologismo. Certamente devemos apontar a variedade na qual se considera “palavra nova.” Comparando os jornais nota-se que o léxico do esporte é bem diferente. Moçambique adaptou o léxico da variedade europeia e o Brasil integrou o léxico ou o sentido dos anglicismos na maior parte dos casos: gol, goleiro, trave, etc.

Outro aspecto a destacar nesta pesquisa é o significado que se atribui às palavras nos jornais. Cada jornal diverge em relação ao significado de algumas palavras. Realmente cada vocábulo faz sentido no seu ambiente sociocultural próprio. Esta constatação defende que as palavras só podem ser entendidas dentro do seu contexto social, daí a importância da teoria variacionista laboviana nos estudos linguísticos.

Há necessidade de elaboração de dicionários distintos para cada variedade. Esses dicionários devem ser compartilhados na lusofonia de forma que consulentes que não conhecem aquela variedade possam ter oportunidades de consultar esse acervo lexical, que de fato pertence às “línguas em português”. Moçambique e outros países africanos ainda não têm dicionários, mas há necessidade de compartilhamento desse léxico, pois essa riqueza lexical pertence à toda comunidade lusófona.

Retomando as perguntas de partida e suas hipóteses podemos responder que as variações impedem a compreensão do significado mais profundo dos membros da lusofonia. Se entendermos a variedade como o reflexo da cultura, então existem, sim, aspectos léxico-semânticos em cada jornal analisado que não podem ser devidamente interpretados ou entendidos por falantes de outras variedades. Essas hipóteses ficaram confirmadas. O vocabulário se torna difícil quando aparecem estrangeirismos de línguas menos conhecidas, como é o caso das LB.

Os brasileiros e portugueses dificilmente entenderiam estrangeirismos provenientes das LB, pois a variação semântica só pode ser explicada dentro do contexto sociocultural de cada variedade. Nesta pesquisa, procuramos discutir a variação léxico-semântica na lusofonia analisando aspectos linguísticos presen-

tes em três jornais, focando no Dicionário Houaiss (2009). Concluimos que não convém consultar um dicionário de Portugal para o contexto de Moçambique, porque os consulentes não ficarão satisfeitos.

Os caminhos para a variação léxico-semântica são traçados pela história, pela cultura e pelas variáveis sociais em geral. O importante é compreender o caminho percorrido pela língua e se adaptar aos contextos sociolinguísticos. É absurdo proibir os estrangeirismos, tal como quiseram colocar em prática, no Brasil, através da lei do Deputado Federal Aldo Rebelo. A apropriação linguística nunca estragou a beleza da língua, apenas a renova, considerando que há, na maioria das vezes, adaptação à realidade de cada falante. A beleza da língua reside, justamente, na peculiaridade que encontramos, ao comparar e perceber que mesmo sendo tão irmãos, o português de Portugal, do Brasil, e de Moçambique são, também, bastante genuínos e singulares, mas permite a comunicação. Lembremos que, num mundo que se globaliza, as interações são simultâneas e cada contato vai interferindo e caminhando para uma aldeia global, com suas particularidades.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística*. São Paulo: Parábola, 2014.
- _____. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e Cultura*. v. 58, n. 2, 2006. p. 35-37.
- DICIONÁRIO INTEGRAL DA LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Texto Editores, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- FILME. *Línguas: vidas em português*. Autor: Vitor Lopes, DVD. 90min. Paris Filmes, 2004: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JBmLzb-jmhg>>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 24-28, abr./jun. 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JORNAL DESTAK. ed. 2751. 29/07/2016 a 04/08/2016. Portugal. www.destak.pt

JORNAL O LIBERAL. Ano XXIX, n. 1198. 24 de julho 2016. Brasil. www.jornaloliberal.net

JORNAL O LIBERAL. Ano XXIX, n. 1199. 01/08/2016. Brasil. www.jornaloliberal.net

JORNAL VERDADE. Ano XVIII, Ed. 401, 01/08/2016. Moçambique. www.verdade.co.mz.

JORNAL VERDADE. Ano XVIII, Ed. 402, 02/08/2016. Moçambique. www.verdade.co.mz.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. London: OUP, 2014.

NARO, Anthony Julius; SCHERE, Maria Marta Pereira. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NGUNGA, Armindo. Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*. v. 1, n. 0. 2012. p. 7-20.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A língua brasileira. *Ciência e Cultura*, São Paulo: SBPC, v. 57, n. 2, p. 29-30, abr./jun. 2005.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Variedades do português no mundo e no Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo: SBPC, v. 57, n. 2, p. 29-30, abr./jun. 2005.

PERINI, Mário Alberto. *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua e outras crônicas de linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ALB, 2002.

REBELO, Aldo. *Projeto de lei 1676/1999*. Diário Popular, 7/11/1999.

TIMBANE, Alexandre António. Que português se fala em Moçambique? Uma análise sociolinguística da variedade em uso. **Vocabulo**, v. 7, p. 1-21, 2014.

_____. A variação linguística e o ensino do português em Moçambique. **Confluência**. v. 1, p. 263-286, 2013b.

_____. A variação terminológica dos termos de futebol moçambicano. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz. (Org.). **Terminologia: uma ciência interdisciplinar**. Série Trilhas linguísticas, n. 22. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013a. p. 145-165.

VILELA, Mário. **Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Almeida, 1995.

